

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA
FERNANDA BEATRIZ FERREIRA DE MACEDO**

**FEMINISMO ALÉM DAS MÍDIAS SOCIAIS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO
SOBRE SORORIDADE E FEMINISMO ENTRE PROFESSORAS DOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Florianópolis

2016

FERNANDA BEATRIZ FERREIRA DE MACEDO

**FEMINISMO ALÉM DAS MÍDIAS SOCIAIS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO
SOBRE SORORIDADE E FEMINISMO ENTRE PROFESSORAS DOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientador Dr. Leandro Castro Oltramari

Florianópolis

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

MACEDO, FERNANDA BEATRIZ FERREIRA DE MACEDO
FEMINISMO ALÉM DAS MÍDIAS MÍDIAS SOCIAIS: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO SOBRE SORORIDADE E FEMINISMO ENTRE PROFESSORAS
DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL ; UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO SOBRE SORORIDADE E FEMINISMO ENTRE PROFESSORAS
DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL / FERNANDA BEATRIZ
FERREIRA DE MACEDO MACEDO ; orientador, LEANDRO CASTRO
OLTRAMARI OLTRAMARI - Florianópolis, SC, 2016.
60 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA.

Inclui referências

1. CIÊNCIAS SOCIAIS. 3. GÊNERO. 4. DIVERSIDADE. 5.
ESCOLA. 6. FEMINISMO. I. OLTRAMARI, LEANDRO CASTRO
OLTRAMARI. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA. III.
Título.

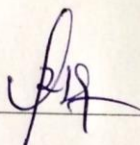
FERNANDA BEATRIZ FERREIRA DE MACEDO

FEMINISMO ALÉM DAS MÍDIAS SOCIAIS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO
SOBRE SORORIDADE ENTRE PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

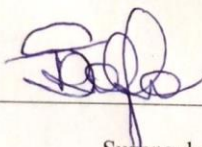
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

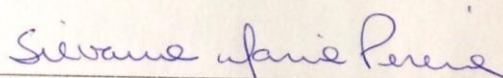


Olga Regina Zigelli Garcia

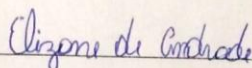
Banca Examinadora:



Suzana da Rosa Tolfo



Silvana Maria Pereira



Elizane de Andrade

*Dedico este trabalho às “mulheres da minha vida”
que ajudaram a formar a mulher que me tornei hoje.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao **ser supremo** pela capacidade e disponibilidade de aprender com as diferenças (e suas riquezas), com os outros e assim me tornar uma pessoa melhor.

Agradeço aos **meus pais** pelo incentivo constante em qualquer empreitada que tive ou tiver.

Agradeço aos mestres, educadores e convidados do **Curso de Gênero e Diversidade na Escola** que com sua contribuição, cooperaram com minha formação nesta especialidade.

Agradeço aos meus colegas da **Turma Angela Davis** por tonar esta caminhada mais leve e divertida.

Agradeço a meu orientador Professor **Dr. Leandro Castro Oltramari** por sua atenção e contribuição à minha pesquisa.

E por fim, agradeço aos **meus alunos e alunas** que são o verdadeiro motivo pelo qual uma professora se dedica a sua especialização.

Registro aqui um **agradecimento** especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (**GDE/UFSC**) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do **GDE**, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

*“Todas as vitórias ocultam uma renúncia.”
Que nada nos limite. Que nada nos defina.
Que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja
a nossa própria substância”
(Simone de Beauvoir)*

*“Ensinamos que, nos relacionamentos, é a mulher quem deve abrir mão das coisas.
Criamos nossas filhas para enxergar as outras mulheres como rivais – não em questões
de empregos e realizações, o que, na minha opinião, poderia ser até bom -, mas como rivais
da atenção masculina.
Ensinamos as meninas que elas não podem agir como seres sexuais, do modo como agem os
meninos. Se temos filhos homens, não nos importamos em saber sobre suas namoradas.
Mas e os namorados das nossas filhas?
Deus me livre! (mas obviamente esperamos que elas tragam para casa o homem perfeito para
casar, na hora certa). Elogiamos a virgindade delas, mas não a dos meninos (e me pergunto
como isso pode funcionar, já que a perda da virgindade é um processo que envolve duas
pessoas).”
(Chimamanda Ngozi Adichie)*

RESUMO

O presente trabalho se trata de um estudo exploratório realizado com professoras dos anos iniciais do ensino fundamental e a influência das mídias sociais na investigação de temas como feminismo e *sororidade*. Primeiramente, realizamos uma pesquisa bibliográfica do termo *sororidade* e suas origens permeadas através do movimento feminista. Após abordamos questionamentos sobre a profissão de professora nos dias de hoje. Os subsídios para a investigação foram obtidos através da entrevista a dez professoras dos anos iniciais e em sala de aula no momento da pesquisa, para contrapor ou talvez constatar algumas diferenças entre as percepções e falas. Sendo assim, fizemos os recortes das idades: cinco delas com menos de trinta anos e cinco com mais de quarenta anos, para perceber as interferências do uso das mídias sociais. As profissionais pesquisadas são professoras da rede municipal de Florianópolis e São José de quatro escolas, duas de cada município, ambas de médio porte. Os resultados alcançados provocaram reflexões principalmente sobre a necessidade de debater e problematizar assuntos como feminismo, gênero e sexualidade nas formações continuadas e na graduação. Outro fato relevante foi que a *sororidade* entre professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, existe entre essas profissionais (nas entrelinhas de seus discursos), mas deve ser fomentado e trazido para as práticas escolares, bem como para a vida dessas mulheres. Falar abertamente sobre esses temas é compromisso de todas e indispensável para a prática emancipatória e humanista de ensinar.

Palavras-chave: Sororidade; Feminismo; Redes Sociais; Mídias Sociais; Professoras.

ABSTRACT

The present work is an exploratory study carried out with teachers from the first years of elementary education and the influence of social media in the investigation of themes such as feminism and sorority. Firstly, we will make a bibliographical research of the term sorority and its origins permeated through the feminist movement, after addressing questions about the profession of teacher these days. Research grants were obtained through interviewing ten teachers from the initial and classroom years at the time of the research to counter or perhaps note some differences between perceptions and statements. So we made the cut-offs of the ages: five of them under the age of thirty and five over the age of forty. The results achieved mainly reflected the need to debate and problematize issues such as feminism, gender and sexuality in continuing education and graduation. Another relevant fact was that the grading of teachers in the initial years of elementary school, even if subtly exists among these professionals, but should be encouraged and brought to school practices, as well as to the lives of these women. To speak openly about these themes is a commitment of all and indispensable to the emancipatory and humanistic practice of teaching.

Keywords: Sorority; Feminism; Social networks; Social media; Teachers.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - “Professoras Deusas do Antigo Mundo” (acima dos 45 anos de idade).....	23
Quadro 2 - “Professoras Deusas do Novo Mundo” (abaixo dos 30 anos de idade)	23

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GDE – Gênero e Diversidade na Escola

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	13
3	MOVIMENTO FEMINISTA E “FEMINISMO DE INTERNET”	14
4	AFINAL, O QUE É SORORIDADE?	16
5	PROFESSORA, UMA PROFISSÃO SOLIDÁRIA OU SOLITÁRIA.....	20
6	ANALISANDO AS FALAS DAS “DEUSAS”	22
6.1	INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE AS PROFESSORAS ENTREVISTADAS	22
6.2	PROFESSORAS NAS REDES SOCIAIS	25
6.3	AS PROFS EM SALA DE AULA E AS RELAÇÕES COM OS GÊNEROS.....	27
6.4	AS PROFESSORAS E SUAS RELAÇÕES COM OUTRAS PROFS	35
6.5	AS AMIZADES E OS GÊNEROS.....	36
6.6	O ATENDIMENTO AS FAMILIAS: PAIS OU MÃES?	37
6.7	PROFESSORA FEMINISTA?	38
6.8	O CONCEITO DE FEMINISMO PARA AS PROFESSORAS	40
6.9	“EM BRIGA DE MARIDO E MULHER...”.....	46
6.10	“ROUPA SUJA SE LAVA EM CASA?”	49
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
8	REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

Somos testemunhas das mudanças que o aparato tecnológico acarreta em nossa sociedade. A rapidez das notícias resultadas do processo de transformação em lidar com as informações que a internet nos trouxe, fez com que repensássemos algumas questões do nosso dia a dia. Percebemos nas redes sociais, principalmente, o surgimento de novos olhares e pensares sobre inúmeras questões. Entre elas uma vem chamando atenção e ganhando o público alvo, que é um movimento de resgate, união e proteção ao que representa ser mulher no mundo de hoje.

A referida pesquisa surgiu de conversas que aconteceram no ambiente da “sala das professoras”, local na escola onde as professoras se encontram para conversar e fazer trocas de informações. Nem sempre o assunto são as alunas, algo que percebo de uma experiência pessoal, mas até que modo essa troca é solidária e tem significado no trabalho desenvolvido? Até que ponto nos preocupamos, em todos os sentidos, com nossas colegas professoras? Aproveitamos a provocação para justificar a escolha pelo artigo feminino em todo o trabalho, embora saibamos que neste ambiente da sala das professoras temos muitos homens, o foco da pesquisa são as mulheres e vamos privilegiar a opção pelo gênero feminino em todos os sentidos.

Falamos neste trabalho de um conceito originado do movimento feminista chamado *Sororidade*. Segundo a jornalista Babi Souza (2016), *Sororidade* vem de “*sóror*” que no latim significa “*irmã*”; é a união e aliança entre mulheres, baseadas na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum. Este movimento teve força nas redes sociais sendo comandado por mulheres atuantes nestas mídias e está trazendo uma nova concepção nos desafios do que é ser feminista nos tempos de hoje.

Sabemos que estamos eternamente sendo educados e nos educando, e este processo formal ou informal passa por constantes transformações em seus métodos. Os meios e mídias estão ensinando e moldando comportamentos enquanto a escola não acompanhou os avanços e desafios das mídias sociais. Por outro lado, a escola passou a ser a grande responsável pela resolução de alguns problemas das alunas, retirando o foco dos estudos como era em tempos passados. O ambiente escolar convive diariamente com questões desafiadoras de todos os

tipos e assuntos, mas sem dúvida um dos mais desafiadores é o trabalho com gênero, diversidade e/ou assuntos correlatos. Questões ligadas a gênero, abusos, estupros, conflitos que envolvem as famílias e as violências – que podem ou não, ser consequência da cultura machista e sexista – são constantes e diários para professoras e equipe pedagógica.

Necessitamos com urgência estar preparadas para trabalhar com estes conflitos que estão cada vez mais presentes, retratados e expostos nos espaços escolares. Temos ciência que a prioridade de nosso trabalho como educadoras é a formação de cidadãs autônomas e críticas, porém o que fazer quando os agentes transformadores deste paradigma (no caso as professoras) desconhecem ou não recebem formação necessária para fazer a diferença? Estamos preparadas para acolher, esclarecer ou ser solidárias com nossas colegas e alunas? Somos solidárias umas com as outras ou ignoramos qualquer situação colocando acima de tudo que “*em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher*”? Professoras se consideram feministas? Conhecem do que trata o movimento feminista? Qual percepção que as professoras dos anos iniciais do ensino fundamental têm ao lidar com meninas e meninos? Como é a prática relacionada a questões de gênero e diversidade destas professoras?

Por todo exposto, pelo desafio que se tornou ser educadora nos tempos das redes sociais, este trabalho pretendeu investigar principalmente a percepção de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental sobre *sororidade* e feminismo.

Iniciamos este Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola – GDE, falando um pouco sobre a origem do termo *sororidade* e para isto abordamos o movimento feminista e o feminismo de internet no primeiro capítulo. Após exploramos a fundo o termo *sororidade*, seu significado e características baseado em autoras que se debruçaram sobre este tema, isto no segundo capítulo. No terceiro capítulo, teorizamos sobre a profissão professora e o ser mulher, analisando nosso contexto atual como indivíduos midiaticizadas pelo agora das redes sociais em contrapartida a marcas que o patriarcado e o pensar “machista” de sociedade foram capazes de nos deixar.

O referido estudo de caráter exploratório investigou a percepção das professoras através de entrevistas semiestruturadas numa análise de conteúdo categorial. O roteiro foi testado e aprovado antes da aplicação, dando maior segurança da sua eficácia na aplicação com a amostragem.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Foram dez professoras no total: cinco com menos de trinta anos de idade e cinco com mais de quarenta e cinco anos de idade. Este recorte das idades das entrevistadas tem a intenção de capturar falas de possíveis gerações diferentes e suas relações com as mídias e se, estas podem ou não interferir nos comportamentos e reconhecimentos de *sororidade* entre as mulheres questionadas. Vamos chamá-las de “Deusas Professoras do Novo Mundo” e “Deusas Professoras do Antigo Mundo”.

As professoras foram entrevistadas no local de melhor conveniência, sendo um lugar neutro para que elas se sentissem à vontade nas respostas (conversa) e também tiveram suas identidades preservadas sendo chamadas por nome de deusas gregas (sem associações ao seu símbolo mitológico): **Afrodite, Atena, Clímene, Deméter, Harmonia, Hera, Íris, Maia, Nêmesis e Psiquê.**

As dez entrevistadas são professoras da rede municipal de São José e Florianópolis de quatro escolas. No município de São José as duas escolas escolhidas foram pelo porte uma de pequeno, outra de médio, aproximadamente 200 e 1300 alunos em média, respectivamente os portes, sendo que os bairros eram distantes aproximadamente 30 km uma da outra. No município de Florianópolis, preservamos a distância de 30 km entre um campo e outro, e as escolas foram de grande porte e médio, respectivamente 700 e 1100 alunos. O primeiro contato em ambos os municípios foi com a direção da escola, respeitando a solicitação da idade para a questão da observação das análises.

As conversas foram gravadas e a análise dos dados transcritos foi através da técnica conceituada por Bardin (2004) como *análise de conteúdo categorial*. Esta análise dos discursos das professoras entrevistadas pretende fazer recortes das falas, agrupando o que é homogêneo e as diferenças de descrições fidedignas, buscar sentido no relato e chegar a uma compreensão ou explicação que vai além. Assim, Bardin (2004) aponta que “os resultados em bruto são tratados de maneira a ser significativos (falantes) e válidos” Segundo Minayo (2016, p.76) a “interpretação é o foco central” desta análise, salienta que é descobrir o que esta por trás dos conteúdos manifestados nas entrevistas, agrupando informações e dados iguais em categorias de análise.

3 MOVIMENTO FEMINISTA E “FEMINISMO DE INTERNET”

Estamos vivendo um momento de muitos avanços no que diz respeito aos estudos de gênero. Estudiosos e pesquisadores *têm* anseios e curiosidades no que diz respeito à temática, porém quando falamos em *feminismo* ainda tratamos como tabu, um fato incompreendido ou algo a ser combatido, como um anúncio de “guerra contra homens” ou simplesmente o contrário de *machismo*.

O clássico feminista *O segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (1949), com seu lançamento nos trouxe a reflexão do que é ser mulher e a relevância deste papel na sociedade. A frase “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, foi sem dúvida um divisor de águas na sociedade, mas muito mais difundida, compreendida ou debatida nos tempos de hoje, com as redes sociais. Outro lançamento relevante e significativo que fez gerar revoluções na maneira de pensar o “ser mulher” foi o livro *A mística Feminina*, de Betty Friedan (1963). Com esta nova leitura, as mulheres daquele período histórico repensaram suas identidades e seu papel na sociedade, insatisfeitas com a impossibilidade de mudar seus destinos pelo estigma de ter nascido com o sexo feminino, pela primeira vez pode-se rever possibilidades para o papel da mulher na sociedade.

As tecnologias, de certa maneira, democratizaram os discursos e deram voz a todas de maneira igualitária. O movimento feminista vem crescendo junto com esta tendência e podemos perceber este movimento caminhando para além das redes. Podemos dizer que a internet impulsionou, democratizou e agora o movimento avança para além das redes.

Feminismo como termo, segundo Auad (2003) e Garcia (2015), surgiu nos EUA por volta de 1911, nomeando os grupos de mulheres que procuravam a libertação do patriarcado, mas que tinham este destino de submissão como certo somente pelo fato de ser mulher:

O feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio de patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim...o feminismo articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social. (GARCIA, 2003, p.13)

Segundo Lins (2016, p.31), a primeira onda feminista aconteceu entre o final do século XIX e o início do XX e suas principais reivindicações eram o direito ao voto, à propriedade, à educação e o fim ao casamento arranjado, este período ficou conhecido como *sufragismo*.

A segunda onda, iniciada nos anos 60, teve seu foco na liberação feminina; melhores condições de vida e trabalho para as mulheres. O objetivo era tirar a imagem apenas de dona de casa e de mãe que cabia às mulheres desta época. Este momento foi marcado por reuniões de mulheres que discutiam políticas públicas acompanhadas de protestos e marchas fervorosas acontecidas nesta época. Era início dos chamados movimentos sociais, que no Brasil se associavam à oposição à ditadura militar e ao processo de redemocratização do país. Naquele momento de lutas, percebeu-se a necessidade de reuniões e reflexões em torno de um objetivo comum, a luta de uma era a de todas, iniciou o sentimento de *sororidade* na prática. *Sororidade*, nesta época, repercutiu na necessidade de proteção e entendimento da causa da outra (solidariedade). (PEDRO, 2009; GARCIA, 2015; LINS, 2016; AUAD, 2003)

Os estudos feministas no Brasil, nas décadas de 70 e 80, consolidaram-se nas universidades, fazendo uso da categoria de análise gênero inspiradas no artigo de Joan Scott (1998) *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. O termo retratado por esta autora passa a considerar aspectos práticos da construção social da feminilidade e do que é ser feminino. Passou-se então a refletir sobre o chamado por Louro (2014) como “determinismo biológico”, como fato de nascer com o órgão biológico era determinante para situações futuras e convencionalmente pré-resolvidas.

Nos tempos atuais, percebemos algo como se fosse uma “quarta onda” que invade as mídias sociais¹, o chamado “feminismo de internet”. A rede mundial de computadores “deu voz” e democratizou o acesso a informação e é uma nova fonte de conhecimentos. A grande questão é que este ensinar democrático exalta a “verdade” de cada um e possibilita uma “guerra virtual”, ampliando a questão do direito a fala (sem ser ofensivo e ter empatia) e do educar para o uso destas mídias (por que não?).

¹ **Mídias Sociais** constituem canais de relacionamento na internet nos quais existem diferentes possibilidades de interação e participação entre os usuários. <https://www.internetinnovation.com.br/blog/midias-sociais-conceito-e-definicao/> Acesso em 15/01/2017.

4 AFINAL, O QUE É *SORORIDADE*?

Segundo a teórica feminista Bell Hooks (2000) um dos pilares do patriarcado² é ensinar as mulheres que elas não devem ter solidariedade entre elas. Por este motivo é que muitos segmentos do movimento feminista desenvolvem a ideia de *sororidade*, por se tratar de um grupo bastante heterogêneo e reprimido pelos mesmos motivos, partindo das suas experiências resultantes da opressão ao gênero feminino.

Sendo assim, o termo *sororidade* tem sua origem no movimento feminista, como um sentimento adquirido nestes instantes de conquistas coletivas. A palavra *sororidade* não existe em alguns dicionários da língua portuguesa, apenas uma muito semelhante: fraternidade que significa: “solidariedade ou harmonia entre homens”. A origem das duas palavras é latina: *soror* significa irmã e *frater* irmão, mas somente a palavra que atenta para a característica masculina está presente nos livros e dicionários, provando que na sociedade patriarcal esta relação somente possa existir entre indivíduos do sexo masculino.

Sororidade conceituado por Marcela Largarde de Los Rios (2012) é:

... es una dimensión ética, política y práctica del feminismo contemporáneo. Es una experiencia subjetiva de las mujeres que conduce a la búsqueda de relaciones positivas y a la alianza existencial y política cuerpo a cuerpo, subjetividad a subjetividad con otras mujeres, para contribuir a la eliminación social de todas las formas de opresión y al apoyo mutuo para lograr el poderío genérico de todas y el empoderamiento vital de cada mujer.

La sororidad es la conciencia crítica sobre la misoginia, sus fundamentos, prejuicios y estigmas, y es el esfuerzo personal y colectivo de desmontarla en la subjetividad, las mentalidades y la cultura, de manera paralela a la transformación solidaria de las relaciones con las mujeres, las prácticas sociales y las normas jurídico políticas. (ibid, p.543)

Relembrada através dos movimentos sociais que atualmente estão fortalecidos nas mídias sociais, a *sororidade* aos poucos tem seu verdadeiro significado espalhado. A

² **Patriarcado** é um sistema social em que homens adultos mantêm o poder primário e predominam em funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Patriarcado> acesso em 10/01/2017.

jornalista Babi Souza (2016) escreveu recentemente o livro *Vamos juntas: o guia da sororidade para todas*, que retrata a importância da união entre mulheres para eliminar as violências e proteção às cidadãs. Segundo a jornalista, somos educadas para acreditar que somos rivais ou que não temos motivos para sermos unidas e que apenas os homens têm esses momentos verdadeiros em seus laços de amizade. Esta autora afirma para refletirmos o conceito: “não sei se a ausência da *sororidade* gera rivalidade ou se acreditar que somos rivais é que gera a ausência da *sororidade*” (SOUZA, 2016, p. 45-46).

No Brasil a primeira referência de citação do termo *sororidade* deu-se no final dos anos 90, no texto de Lia Zanotta Machado (1998) onde esta autora registra simbolicamente, através de discursos e prática é expresso um sentimento de “solidariedade entre as mulheres”, onde associa as mulheres a lutas comuns como os direitos reprodutivos e a violência doméstica. O intento deste é associar os diferentes tipos de mulheres presentes em nosso país como pertencentes a causas comuns. A expressão nos remete a um termo novo e talvez por isso muitas mulheres o desconheçam, principalmente no que diz respeito a prática da profundidade do significado que esta palavra tem para todas.

No dicionário Houaiss do Brasil (2001), o termo *sóror* é registrado como “o tratamento dado as freiras professoras”, bem como o termo *sororato* que é o processo de troca de esposas, no caso de falecimento da atual o marido pode fazer a troca pela irmã mais nova e automaticamente a tia irá se tornar a mãe dos sobrinhos. Mesmo o termo irmandade em português está associado às experiências de conventos e jamais registrado nos discursos feministas de qualquer tempo ou onda. Porém as práticas do movimento feminista no mundo e no Brasil refletem este sentimento, principalmente quando as reivindicações eram os direitos reprodutivos e a violência doméstica.

Costa (2009) relata um pouco dos registros etimológicos do termo “sororidade”:

... tomando como tradução conceitual do termo *sororité*, ajuda a percebê-lo como um *constructo* simbólico de uma solidariedade considerada “própria” a relações entre mulheres e processos identitários feministas que parecem prosseguir *ad eternum*. Examinada em muitos indícios, essa solidariedade nem sempre se verifica, pois também pode interromper-se e/ou mudar de sentido. Em português, como indicado, o termo “sororidade” não existe; usa-se irmandade como equivalente ao *sororité*, em francês, e ao *sisterhood*, em

inglês, codificado como esse modo de solidariedade entre mulheres vindas de tempos recuados da história humana. Sugere muito das práticas e das sociabilidades femininas sem nada enunciar das dissensões entre mulheres, tão frequentes, ocultando seu antônimo: a pluralidade de relações de poder e dominações também presentes nas formas de convivência de mulheres com mulheres. (COSTA, 2009, p. 14)

Segundo relatado por Costa (2009) em seu artigo, o movimento feminista dos anos 70 foi caracterizado pela reunião de mulheres até mesmo em suas casas, engajadas em suas redes de “conhecidas” para formar os chamados “grupos de consciência” dedicados à discussão e reflexão de questões íntimas ao papel de ser mulher e suas angústias daquele tempo, algumas destas participantes eram mulheres exiladas de seus países. Nos anos 80, após a chegada do advento da pílula, o questionamento teve como base os direitos reprodutivos. Várias lideranças políticas femininas na época, como deputadas, principalmente no Estado do Rio de Janeiro, realizaram eventos com mais de 300 mulheres em torno deste tema.

O termo *sororidade* mesmo não estando nos discursos, estava presente nas atitudes e preocupação com políticas públicas que circundavam o universo feminino. Os chamados “grupos de consciência” formados em vários locais do mundo não se limitavam apenas a explanação dos assuntos, mas em encontrar alternativas práticas para a solução de problemas. Nos EUA, como retratado no documentário “*She’s Beautiful When She’s Angry*” este grupo de mulheres se organizava até para fazer aborto entre elas, ajudar no que fosse preciso com uma rede de informação e assistência para os problemas de saúde íntima e violência à mulher. O acolhimento às vítimas de violência de qualquer tipo, bem como a ajuda na realização de aborto e métodos contraceptivos que aconteceu fortemente neste período, confirmam que a *sororidade*, mesmo não estando abertamente nas falas, sempre esteve presente nas atitudes deste grupo que compartilhava informações nesta rede de solidariedade, baseadas nesta unidade comum de viverem as mesmas experiências.

A jornalista Stefs Lima³ (2016), escreveu em seu artigo intitulado “Precisamos falar sobre sororidade na TV (e na vida)”, que a *sororidade* é algo que aprendemos e fazemos sem que possamos perceber nossos atos:

³ Site do artigo de Stefs Lima, disponível em <http://www.revistapixel.com.br/precisamos-falar-sobre-sororidade-na-tv-e-na-vida/> acesso em 18/11/2016.

Não é de hoje que meninas e mulheres competem pela aparência, pelo quanto podem ostentar em um final de semana, para ver quem fala mais alto em um grupo e quem fisga o menino/homem mais desejado da sala/festa. Isso se pensarmos num âmbito mais pessoal. No campo profissional, um exemplo bem simples é a mulher na chefia não promover outra por intimamente reconhecer o talento e ver isso como ameaça. (LIMA, 2016, p. 3)

Pela reflexão da blogueira e jornalista, a todo o instante a mulher precisa provar e competir com outra, neste jogo de inimizades já firmado pela mídia como é o caso das vilãs que tendem a “segurar a trama mais que a protagonista, passando a imagem errada quando a conversa é sobre sororidade”. Lima (2016) continua escrevendo que “sororidade tem muito de se voltar para si para depois enxergar a outra mulher...o que me aflige pode ser o mesmo que aflige as outras”.

Pelo exposto, a criação de mulheres pelo patriarcado e pelo machismo nos tornaram inimigas sem sequer pararmos para pensar os motivos ou se escolhemos ser inimigas umas das outras. Não se trata de escolha e sim de imposição de hábitos e costumes, resquícios de uma sociedade contaminada por princípios e bases autoritárias. Não tivemos escolha, simplesmente devemos ser as mais bonitas, disponíveis, melhores em tudo, a própria perfeição.

5 PROFESSORA, PROFISSÃO SOLIDÁRIA OU PROFISSÃO SOLITÁRIA?

Talvez uma das profissões mais instigantes a ser estudada é a de profissional do ensino, no caso os sujeitos desta pesquisa: as professoras. Trata-se de uma profissão árdua, cheia de desafios e responsabilidades, onde muitos falam sobre, mas na hora do investimento e da ação poucos lembram que a educação ou as agentes deste processo, no caso as professoras, são a linha de frente de todo este aparato de signos e significados que circunda o processo educativo.

O tema educação está sempre presente nos discursos políticos, na esperança do povo por um futuro ou mundo melhor e na necessidade de transformações positivas em uma sociedade caótica e desordenada que presenciamos nos dias de hoje. Quando falamos em educação não podemos esquecer que ela é feita por pessoas, na sua maioria mulheres, ou como nos diz o grande educador Paulo Freire (2016, p.79): “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” Assim, nestas trocas que fizemos nos espaços formais e não formais estamos aprendendo, sendo educados, mesmo que queiramos ou não este processo acontece a todo o momento, intencionalmente ou não.

Somos produtos de uma sociedade provinda e constituída com bases no patriarcado e que estas marcas, são perpetuadas até os dias de hoje. O comportamento machista que está presente na sociedade é perpetuado e confirmado por homens e mulheres não sendo exclusividade nos discursos de pessoas do sexo masculino. Percebemos que a cultura machista é tão forte e frequente que, habitualmente reproduzimos seu discurso como sendo normativa ou hábito de uma maioria, sem perceber que estamos sendo sexistas ou preconceituosos. Quando uma ideia ou um conceito é forte desta maneira, mais difícil é romper as barreiras, complicado para todos os lados e partes deste conflito.

Louro (2014) questiona em seu livro “Gênero, Sexualidade e Educação” qual é o Gênero da escola:

...a escola é feminina, porque é primordialmente, um lugar de atuação de mulheres – elas organizam e ocupam o espaço, elas são as professoras; a atividade escolar é marcada pelo cuidado, pela vigilância e pela educação,

tarefas tradicionalmente femininas. Além disso, os discursos pedagógicos buscam demonstrar que as relações e as práticas escolares devem se aproximar das relações familiares, devem estar embasadas em afeto e confiança, devem conquistar a adesão e engajamento dos/as estudantes em seu próprio processo de formação. Em tais relações e práticas, as ações das agentes educativas devem guardar, pois, semelhanças com a ação das mulheres do lar, como educadoras de crianças ou adolescentes. (LOURO, 2016, p. 92)

Segundo a autora a escola é feminina quando assume o papel do cuidado, afeto e confiança, mas a escola é masculina quando lida com o conhecimento que é socialmente construído. Impossível assim, definir o gênero da escola, local onde temos estas duas máximas presentes a todo o momento, pois o conhecimento não é mecânico, existem muitas relações prescritas no processo de ensinar e aprender.

Silva (2001) em sua tese de doutoramento levanta as responsabilidades que a Pedagogia conquistou para organizar os processos de conhecimento e enriquecê-los com as demais áreas do conhecimento na busca de um trabalho didático-pedagógico interdisciplinar, confirmando serem as Pedagogas as mais indicadas e qualificadas para o trabalho em sala de aula com questões de gênero e diversidade na Escola. Esta autora ressalta que:

É característico da Pedagogia, e talvez só dela, o estudo que pode agregar ao processo cognitivo as informações sobre um tema, no caso a sexualidade, tomando como referência as teorias produzidas pela História, Filosofia, Psicanálise, Sociologia, Antropologia, enfim, uma gama enorme de fontes que, por suas características peculiares para a organização cognitiva interdisciplinar esta disciplina pode, a partir de critérios de preservação das teses de acordo com suas fontes originais, estabelecer paralelos para ampliar e enriquecer a produção do conhecimento sobre as dimensões tantas e complexas da sexualidade. (SILVA, 2001, p.42)

Por todo exposto, pretendemos investigar quem são essas mulheres que estão na linha de frente como educadoras. Na seção seguinte, analisamos as falas das 10 educadoras pesquisadas.

6 ANALISANDO AS FALAS DAS “DEUSAS”

Passamos às categorias de análise retirada das falas das entrevistas com as dez professoras. Lembrando que realizamos estas entrevistas no mês de outubro de 2016, obedecendo ao estipulado na introdução deste trabalho e respeitando a privacidade das entrevistadas tanto com horários e não exposição do conteúdo da pesquisa para outros (diretores de escola, equipe pedagógica). O contato foi pessoal e não via escola, justamente para que a essência dessas profissionais trabalhadoras do magistério fosse analisada através de seus discursos.

6.1 INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE AS PROFESSORAS ENTREVISTADAS

Relembrando que o foco desta análise é o reconhecimento e a vivência do termo *sororidade*, como professora atuante em sala de aula no momento presente. Sendo assim, fizemos o recorte das idades justamente para diferenciar as gerações de professoras entrevistadas, tanto pelo uso das redes sociais, como pelo fato de interferir (ou não) em sua prática ou no lidar com a questão de gêneros, para percebermos alguma distinção nos discursos entre as gerações.

A escolha das entrevistadas deu-se pela idade, obedecendo ao número de cinco participantes com mais de 45 anos (chamadas de Deusas Professoras do Velho Mundo) e cinco com menos de 30 anos (chamadas de Deusas Professoras do Novo Mundo) e também pelo distanciamento com a entrevistadora. Assim, nenhuma colega muito próxima está entre as dez escolhidas, fato este se deve à transparência na análise das informações e ao não constrangimento das entrevistadas no momento dos questionamentos sem que nenhum julgamento anterior fosse feito ou levantado. Respeitando estes critérios de análise das entrevistadas, iniciamos nossas coletas que foram realizadas em locais neutros para as entrevistadas, sendo a conversa gravada e depois transcrita na íntegra.

“Professoras Deusas do Antigo Mundo” acima dos 45 anos de idade

Deusa	AFRODITE	ATENA	CLIMENE	DEMÉTER	HARMONIA
Idade	50 anos	49 anos	51 anos	48 anos	49 anos
Est. Civil	Divorciada	Solteira	Casada	Casada	Divorciada
Filhos	2	Não	1	3	3
Escolaridade	Especialização	Especialização	Superior	Superior	Especialização
Religião	Católica	Católica	Católica	Católica	Sem religião
Trabalha há...	34 anos	30 anos	28 anos	6 anos	26 anos
Rede	Pública	Pública	Pública	Pública	Pública
Ano atua...	1º ano	5º ano	3º ano	1º ano	5º ano

Quadro 1 - “Professoras Deusas do Antigo Mundo” (acima dos 45 anos de idade)

“Professoras Deusas do Novo Mundo” abaixo dos 30 anos de idade

Deusa	HERA	IRIS	MAIA	NÊMESIS	PSIQUÊ
Idade	25 anos	30 anos	30 anos	23 anos	25 anos
Est. Civil	Solteira	Casada	Casada	Solteira	Solteira
Filhos	Não	2	2	Não	Não
Escolaridade	Superior	Especialização	Superior	Especialização	Superior
Religião	Católica	Evangélica	Católica	Sem religião	Católica
Trabalha há...	6 anos	8 anos	10 anos	5 anos	3 anos
Rede	Pública	Pública	Pública	Pública	Pública
Ano atua...	1º ano	3º ano	3º ano	1º ano	2º ano

Quadro 2 - “Professoras Deusas do Novo Mundo” (abaixo dos 30 anos de idade)

Apesar da não semelhança e proximidade das idades entre os dois grupos, percebemos que algumas realidades são bem semelhantes. O questionamento sobre a formação continuada ligada a gênero, diversidade e/ou sexualidade foi quase unanimidade de resposta, a grande

maioria não teve ou mal se lembra deste momento de aperfeiçoamento. No grupo das mais experientes na profissão que somadas dão aproximadamente 25 anos de trabalho em média, três delas disseram ter cursos, mas nem lembram o assunto abordado ou quem ministrou a palestra, uma delas cursou uma disciplina no mestrado por iniciativa própria, para seu aprimoramento e uma nunca teve nenhum curso relacionado à temática. Entre as mais novas a realidade é semelhante no que diz respeito ao acesso a esses temas nas formações continuadas oferecidas pelas redes de ensino, pois todas são professoras da rede pública de ensino. Apenas uma delas disse ter formação abordada em reunião pedagógica em uma das escolas que trabalhou, as outras quatro falaram não ter essa formação, sendo que duas delas tiveram sim esses temas apenas na graduação em suas instituições de ensino. No total das professoras abordadas, mais da metade não teve respaldo ou aprimoramento para lidar com estes temas que transversalizam e são latentes na rotina descrita por elas em sala de aula.

Santos (2013) realizou um estudo com professoras onde abordou os motivos pelos quais a temática da sexualidade ainda é um empecilho nas práticas pedagógicas destas educadoras. Nessa perspectiva, talvez possamos explicar o porquê deste tema não ter sido abordado nas entrevistas, como aponta a autora:

- A falta de espaço na formação continuada, da forma sistematizada sobre a temática;
- Observam que os poucos momentos de formação organizados pelas unidades educativas e/ou secretarias da educação, não proporcionam a participação de todos os professores;
- A falta de assessoramento às suas práticas pedagógicas voltadas às questões da sexualidade;
- Uma preocupação excessiva com a reação de pais e mães no que tange às manifestações da sexualidade por parte dos alunos e/ou às duas intervenções pedagógicas diante de tais manifestações;
- A ausência atuante da equipe pedagógica nas unidades educativas com relação a temática (SANTOS, 2013, p.167)

Sendo assim, embora não abordamos diretamente nas questões do roteiro, nossas entrevistadas compartilham com essas ideias em seus discursos e revelam uma vontade de aprofundamento na temática o que consideram uma necessidade urgente.

6.2 PROFESSORAS NAS REDES SOCIAIS

O uso da rede social é uma unanimidade na vida e no cotidiano de nossas entrevistadas. Todas possuem *facebook*,⁴ *whatsapp*⁵ e fazem uso constante dos sites de busca e do computador em seus planejamentos. Três das entrevistadas mais jovens fazem uso da rede social chamada *instagram*, que é uma rede social de vídeos e fotos com rápida interação entre os participantes.

Todas as entrevistadas evitam o uso do celular em sala de aula, mas confessam que nos momentos de intervalo dão uma olhadinha e, no período da noite, se dedicam mais a essas redes de interação virtual, principalmente em seus grupos do *whatsapp*.

De maneira geral, conseguimos ver diferenças entre o comportamento no uso das mídias sociais e pelos equipamentos disponíveis ao acesso a estas mídias, por parte das professoras pesquisadas. As *nativas digitais*,⁶ portanto as mais jovens, conseguem fazer uso e encontrar finalidades para as redes sociais que permeiam seu trabalho e sua vida pessoal. As professoras mais novas entrevistadas conversam com amigos e familiares, atualizam-se de notícias diversas de suas *timelines* e ainda usam as redes como incremento em seus *hobbys*, que entre os citados passam pela fotografia, culinária, política, saúde e decoração de festas. Por outro lado, as professoras mais experientes tem um uso limitado das redes sociais que estão inseridas, usando-as apenas para se comunicar com amigos e familiares e pesquisa ligada à profissão. Apenas duas das questionadas deste grupo apontaram que tem como *hobby* a leitura de livros e compartilham esse lazer em comunidades de grupos de leitura.

A maioria das professoras faz uso das redes há mais de cinco anos em média, mas confessam que a possibilidade de ter um *smartfone* (celular com sistema operacional capaz de

⁴ *Facebook* é uma rede social lançada em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook Inc. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>

⁵ *WhatsApp Messenger* é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. <https://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp>

⁶ Um *nativo digital* é aquele que nasceu e cresceu com as tecnologias digitais presentes em sua vivência. Tecnologias como videogames, Internet, telefone celular, MP3, iPod, etc. Caracterizam-se principalmente por não necessitar do uso de papel nas tarefas com o computador. https://pt.wikipedia.org/wiki/Nativo_digital

instalar aplicativos como *facebook e whatsapp* que são os mais utilizados pelas nossas professoras) fez com que a facilidade e o hábito do uso destes recursos se tornassem um hábito entre elas, sempre que podem dar “uma olhadinha”.

As professoras acima dos quarenta e cinco anos de idade são chamadas por Mark Prensky (2007) de imigrantes digitais e, as mais novas, de nativas digitais. A diferença está enquanto as mais novas nasceram e nem precisaram aprender para lidar com as tecnologias, já as chamadas imigrantes têm receios quanto ao uso e precisaram se adaptar a este uso. Essas imigrantes, segundo este autor, têm dificuldades de deixar velhos hábitos para trás, sendo que isso é um fator mais cultural. Isto repercute no que presenciamos hoje na escola, onde os alunos sabem mais de computadores e tecnologias que as professoras. Entre nossas entrevistadas, quatro delas têm esse perfil de imigrante digital, que foi visivelmente percebido em suas respostas (**Afrodite, Atena, Climene e Demeter**).

Correia (2013) que pesquisou sobre a possibilidade de buscar subsídios para identificar as novas relações com os aparatos tecnológicos nas quais o professor está incluído e o que muda no seu papel e nas relações com a instituição escolar. E também como esta relação impacta as relações entre professores e alunos no mundo virtual e suas relações profissionais. Este autor concluiu com seus estudos que as redes sociais possibilitaram proximidade entre professores e alunos, bem como troca de informações sobre seus temas (auxiliando em seu aprimoramento e busca de informações com mais agilidade e rapidez) e sua atuação em sala de aula.

Todas acham as redes e mídias sociais muito relevantes e significativas para o seu trabalho como professora. Inclusive elas apontam que esse rol de informações de fácil acesso é de suma importância ao trabalho do professor como ser pesquisador e interessado a tudo que se passa ao seu redor.

6.3 AS PROFESSORAS EM SALA DE AULA E AS RELAÇÕES COM OS GÊNEROS

No momento da entrevista todas tiveram que relatar um dia normal de atividade com seus alunos e alunas dos anos iniciais. Este exercício de reflexão serviu para que a prática da rotina de cada uma delas fosse lembrada e problematizada no momento da entrevista. Os relatos mostraram professoras experientes e preocupadas com expor as rotinas de sala de aula. O trabalho com o lúdico, com a prática diferenciada e problematizadora de ensinar.

Quando questionadas sobre a relevância no comportamento e na aprendizagem de meninos e meninas, as respostas foram diversas. Lembrando que a palavra “diferença” não foi utilizada no roteiro, a fala era livre para comentar como meninas e meninos aprendem e se comportam em sala de aula.

Afrodite tem 34 anos de experiência como professora dos anos iniciais, gosta de trabalhar com os menores, sempre leciona para turmas dos primeiros anos, gosta de alfabetizar e não descreve diferenças entre seus alunos que têm entre 6 e 7 anos:

“As crianças do primeiro ano não veem essas diferenças, não diferenciam principalmente nas brincadeiras, todos brincam com bonecos e carrinhos, os pequenos são menos preconceituosos e atentos a estas diferenças. Querem brincar e se divertir, sem coisas... um ou outro que traz de casa isso, mas já retiramos esses hábitos aqui para que não perpetue essa ideia, essa diferença menino e menina.”
Sua fala e ação descrita, são condizentes com quem se preocupa com essas questões de igualdade no ambiente escolar. *“...os pequenos brincam juntos e com tudo o que dispõe de objetos e brinquedos, sem isso de menino e menina. Os menores a gente consegue diminuir esse negócio de diferença de gênero. É mais tranquilo, pelo menos na minha opinião e nas minhas turmas. Isso eu deixo bem claro com pais e escola. É tudo igual comigo.”* (Afrodite, entrevistada em 30/09/2016) grifos da autora.

Atena tem 30 anos de experiência como professora dos anos iniciais e percebe muitas diferenças entre seus alunos e alunas do quinto ano, não hesitou em descrever os estudantes quando questionada:

“As meninas se destacam, conseguem se centrar mais, maior tempo de concentração, já os meninos conseguem responder rápido e elas demoram mais. Elas são mais caprichosas, demoram pra responder, eles copiam de qualquer jeito, mas respondem rápido.” (Atena, entrevistada em 30/09/2016)

Em parte, sua fala foi estereotipada, mas não temos comprovação se é a realidade dos fatos, apenas uma percepção no momento da entrevista. Lembrando que, para as Ciências Humanas e Sociais, o conceito de gênero se refere, segundo o Livro de Conteúdo em Gênero e Diversidade na Escola (2009), à:

...construção social do sexo anatômico. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. (2009, p. 39)

Climene tem 28 anos de experiência no magistério, entre escolas públicas e particulares, percebe seus alunos e alunas desta maneira:

“...as meninas elas tem um gênio mais forte, é interessante...elas são assim, é nós...é nós...terceiro ano...muita personalidade, eu gosto disso eu provo.” Quando questionada sobre a aprendizagem deles: *“Maturidade né...as meninas são mais maduras do que eles..”, “...elas se envolvem mais nas histórias, viajam mais do que eles...eles fazem de qualquer jeito, elas capricham, se envolvem mesmo! Elas são muito mais afim mais maduras é visível...”, “...entre elas, elas separam grupos, subdivididas...tivemos problemas com isso...elas não*

deixam algumas entrar no seus grupos”. (Climene, entrevistada em 03/10/2016)

Deméter não tem o mesmo tempo de experiência das demais, apenas 6 anos, pois teve outra profissão anterior a de professora, mas é atenta ao comportamento de seus alunos em sala de aula:

“Sim, dá pra perceber, normalmente o menino é mais agitado, não que não tenham meninas agitadas, tá? Mas normalmente o menino é bem mais agitado e ele não consegue se concentrar muito por isso. Eu já notei que o menino tem mais facilidade nas exatas, na matemática assim, eles têm mais facilidade que o português, história, eles fazem de qualquer jeito as coisas. As meninas, na hora de escrever, tem a letra melhor, no desenho são mais detalhistas, caprichosas, isso de uma maneira geral eu noto isso. Costumo não distinguir os gêneros, às vezes no final da aula eu dou aquela atividade de força que eles amam, e eles competem entre si, adoram competir, meninos contra as meninas, eles preferem meninos sempre contra as meninas, eu já tentei dividir de outra maneira, mas eles querem é isso mesmo menino contra menina...” (Deméter, entrevistada em 03/10/2016)

Harmonia é uma professora experiente, tem 26 anos de profissão e é muito ligada às tecnologias, buscando formação permanente, o que ela faz de maneira autônoma, faz leituras diversas e nelas busca suas respostas. Gosta de trabalhar com projetos e utiliza essa metodologia com os seus alunos e alunas do quinto ano. Trabalha transversalmente questões ligadas a Direitos Humanos e Cidadania, faz uso das ferramentas do direito como a Constituição e o Estatuto da Criança e do Adolescente para trabalhar a leitura e a compreensão do lido. É a única das professoras com mais de quarenta e cinco anos que disse não ter religião definida e que ainda está em busca da sua “verdade”, ainda não se encontrou em nenhuma delas, mas não desistiu de encontrar. Quando questionada sobre meninos e meninas de sua turma do quinto ano:

“Eu sou uma privilegiada (foi irônica ao entoar essa palavra), sempre pego turmas com mais meninos, hoje essa turma tem 2/3 de meninos.

Penso que isso interfere, na sociedade eles têm o desenho construído diferente, na mídia, na fala, no imaginário. Pelo desenho da mídia, do imaginário, do povo deveria as meninas ser as mais dóceis, mas sabes que eu tenho algumas meninas que fogem bastante o padrão, eles fogem, e tenho meninos que são o inverso, mais dóceis, mais tímidos, mais acatados. Se eu fosse rever o que se coloca nesse imaginário e comparar com o que esta na sala, não bateria, modificou bastante, talvez seja a personalidade deles, modificou bastante”. (Harmonia, entrevistada em 10/10/2016)

Harmonia tenta não rotular, mas atenta sabe que existe sim um estereótipo do que é ser menina e ser menino e que seus alunos modificam essas ditas regras de comportamento. Percebemos que **Harmonia** tem coragem de apontar e percepção nestas mudanças de padrões estabelecidos, que associa o calmo e dócil ao feminino e o agressivo, agitado ao masculino. Sua fala irônica ao se definir como “privilegiada”, certamente se refere ao estereótipo que uma sala com mais alunos do sexo masculino historicamente tem ou deve ser: agitada, com muita conversa e agressividade. Automaticamente remetemos ao sexo masculino e aos meninos essas características e a professora por perceber essa negativa por parte das outras professoras, no seu depoimento, revelou que é o que a maioria das educadoras iria repudiar: numa sala com a maioria do sexo masculino.

Passamos agora para as mais novas e, por consequência, com menos tempo de experiência profissional. Será que elas têm a mesma percepção no que diz respeito ao comportamento e na forma como aprendem meninos e meninas? Este era um dos nortes de nossa pesquisa: analisar a percepção dos gêneros por parte destas educadoras.

Hera é tranquila, doce e forte ao mesmo tempo em sua fala, tem apenas 25 anos de idade e 6 de profissão. A questão da percepção dos gêneros a deixou confusa na resposta e pensativa, e repetiu três vezes a mesma resposta:

“Olha é difícil porque eles se comportam de maneira muito parecida...”, “...eles se comportam de maneira muito parecida...”, “...é difícil porque eles se comportam de maneira muito parecida...”. (Hera, entrevistada em 04/10/2016)

Relembrando que ela atende atualmente crianças do primeiro ano do fundamental, que têm entre seis e sete anos de idade. Hera complementa sua resposta ao ser questionada novamente:

“Eles são muito parecidos, brincam juntos, se jogam no chão, nada difere meninos e meninas na minha turma, na minha opinião”. (Hera, entrevistada em 04/10/2016)

Íris tem trinta anos, trabalha sessenta horas por dia e ainda tem outro emprego nos fim de semanas, sente o peso de ser mãe e quer sempre o melhor para suas duas meninas pequenas, no que diz respeito a bens materiais. Tem atualmente uma turma de terceiro ano (crianças com até nove anos de idade), trabalhou em escola cristã, tem o hábito da oração em sala (talvez por ser a única entrevistada que se declarou evangélica), como momento de meditação no início das aulas. Íris traz para sua fala a sua juventude e crença religiosa e, em alguns momentos se contradiz, mas permanece a juventude de querer conhecer e saber mais sobre o que não domina:

“Assim...como eu posso dizer em sala de aula...tem meninas hoje que a gente percebe que pende mais pra brincar com os meninos, vamos falar essa questão de gênero, a parte que a gente percebe no se vestir nas brincadeiras, na forma de falar e prefere estar mais com os meninos que com as meninas, não que mais pra frente...né? (fez uma insinuação sobre a orientação sexual da menina)...” (Iris, entrevistada em 10/10/2016)

Íris talvez por desconhecimento do tema, não diferencia os conceitos na sua fala, confunde identidade de gênero com orientação sexual e faz algumas insinuações por desconhecimento dos conceitos. Em seu discurso tenta colocar seus alunos em “caixas” e após retirá-los, existem contradições em sua fala, mas percebemos certo esforço na transformação de sua prática. Sua fala controversa, supõe um processo reflexivo sendo construído, ou melhor, desconstruído.

“...Percebo que é algo assim da preferência de cada um assim...na questão cognitiva não vejo diferença...tenho meninos muito bons e meninas muito boas em questão de aprendizagem, também tenho meninas com dificuldades e meninos também, como eu falei, minha turma é bem mista não percebo grandes diferenças assim...as mulheres se destacam na sala, são melhores alunas...antigamente tinha bastante disso, agora não tem mais...eu tenho letras de meninos que são bem bonitas em caderno, letras de meninas que não são tão bonitas, não tem aquela questão do capricho mais, aquilo que falava que a mulher cuida mais dos pertences pessoais...depende...hoje em dia a gente vê meninos bem caprichosos e isso vem muito da família...da questão da família!” (Iris, entrevistada em 10/10/2016)

Maia, 30 anos, é uma professora atenta e solícita com suas colegas. Embora nova de idade, tem uma experiência vasta de 10 anos de profissão, algo que por sua fala percebemos meios de dedicação. Atenta e preocupada com o contexto social, aborda todos os assuntos com seus alunos, tentando modificar e resolver os conflitos existentes em sala de aula:

“Já tive turmas que tivemos que trabalhar muito esse negócio do respeito ao gênero era uma briga danada, os meninas e meninos sentavam separados, eles não se suportavam. Na festa junina, na confraternização, teve que fazer dança e não conseguimos foi tudo individual. Era uma barreira muito grande, não sei o que tinha essa turma, era muito difícil fazer eles trabalharem em grupos mistos, meninos e meninas, falta de respeito mesmo! Fomos trabalhando dinâmicas e questões que fizessem com que eles tivessem que interagir, mas lembro que essa turma foi bem marcante nessa questão. De uma maneira geral em todas as turmas a gente presencia essa richazinha entre os meninos e meninas. Percebo que os meninos são mais amigos e as meninas se acham mais que os meninos, alguns em respeito não revidam, outros revidam vira uma briga, eles não sabem conviver, o fato de dizer que é namoradinho é uma ofensa para alguns, eles não sabem conviver com essas questões, essas coisinhas, eles tem raiva, assim.” (Maia, entrevistada em 08/10/2016)

Nêmesis tem a juventude no olhar, a mais nova do grupo (23 anos) não é a menos experiente, pois já tem 5 anos de trabalho docente e é especialista em Psicopedagogia. Outro ponto interessante da personalidade de **Nêmesis** é a religião, ela diz ser simpatizante de uma crença, mas se considera sem religião. Atualmente trabalha com crianças do primeiro ano do ensino fundamental e retrata seus alunos e alunas assim:

“Não eu só vejo bastante segregado, eles são bem divididos, é muito dividido, principalmente no brincar, na sala eles não brincam juntos, é um pro lado outro pra outro. Na interação durante a rotina de sala de aula até que sim, pede emprestado coisa, essas coisas, mas na sexta-feira quando a gente deixa eles brincarem livres na última aula e com seus brinquedos que eles trazem de casa, eles não brincam juntos”. Pedimos detalhes sobre esse dia do brinquedo e o porquê, os motivos que na turma dela de crianças de seis anos as coisas aconteciam assim: Eu acho que é uma coisa bem historicamente construída. Já começa que eles podem trazer o brinquedo de casa e os meninos já trazem carrinhos ou bonecos e elas trazem bonecas, sempre isso, sempre... e não tenho nenhuma criança que fuja desse padrão...nenhuma menina que goste de carrinho ou nenhum menino que goste de boneca. Talvez esse negócio do brinquedo faça isso, na outra escola a gente tem um parquinho e lá as crianças já brincam mais juntas, porque não tem um brinquedo algo que separe eles. (Nêmesis, entrevistada em 10/10/2016) grifos da autora.

Nêmesis, sem perceber nos deu uma contribuição valiosa e nos fez refletir sobre a importância do brinquedo para eliminar os preconceitos, ou não reforçar as diferenças entre alunos e alunas no ambiente escolar.

Psiquê é jovem, 25 anos, apenas um ano de formada, mas três de profissão. Atua numa turma de segundo ano. Atenta aos acontecimentos em sala de aula, mas surpreende em sua resposta sobre os gêneros:

“Diferença entre eles? Eu nunca pensei nisso...eu acredito que não, porque eu nunca pensei ou reparei. Se eu não pensei é porque ou não tem ou eu não reparei. Eu acho que teria que refletir mais para ver isso.”

Percebemos nas falas das professoras mais jovens a intenção de não querer trazer preconceitos, estereótipos ou pré-julgamentos para a sua sala de aula, elas tentam perceber e sentir seus alunos, sem trazer estas marcações sociais:

“...não existe diferenças na aprendizagem entre meninos e meninas, a diferença é de criança para criança, cada criança é única, um jeito de aprender e se comportar. Antigamente a gente pensava que meninas são mais caprichosas, mais focadas, concentradas, melhores no estudo, história e meninos são melhores na matemática, eu acho que isso cai por terra. Na minha prática não tem nada que embase isso essas afirmações assim”. (Psiquê, entrevistada em 10/10/2016)

Se traçarmos um paralelo nesta categoria entre as professoras mais novas e as mais experientes, percebemos que as mais jovens, aos poucos, em seus discursos estão percebendo que os estereótipos de gênero estão sendo quebrados. Na fala destas professoras conseguimos perceber um novo olhar para o conceito de gênero, como construção social e não biológica, uma característica marcante e que diferencia este grupo de dez professoras pesquisadas Este grupo de educadoras, mais novas de idade, entendeu o que Scott (1999) fala de desconstrução e vai além das marcas sexuais para definir indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino. Seus discursos vão além das relações de poder e da hierarquização que a dualidade do termo tem engessado e agregada em seu significado.

6.4 AS PROFESSORAS E SUAS RELAÇÕES COM OUTRAS PROFESSORAS

Quanto ao compartilhamento de atividades, trabalhos, experiências e relatos com as colegas professoras, as respostas foram muito semelhantes na entrega e disponibilidade das entrevistadas em trocar experiências bem sucedidas. Todas, sem exceção, ressaltaram a importância deste processo de compartilhamento de atividades exitosas, mas **Maia** percebe esta relação de uma maneira diferente fazendo o seguinte comentário:

“Existem algumas colegas que são um pouco oportunistas, não querem compartilhar e só pegar as tuas, o interessante é a via de mão dupla, a gente pensar juntos a ideia para melhorar uma turma ou um conteúdo ou situação dentro da escola”. (Maia, entrevistada em 08/10/2016)

Quando questionadas sobre as amizades com as professoras, se elas acontecem dentro e fora da escola, as professoras responderam da seguinte forma: cinco delas foram taxativas em falar que não tinham amizades com as colegas fora do ambiente escolar, duas responderam que sim (têm amizades e cultivam fora), outras duas responderam que com “algumas” sim, têm amizades (mas não todas), e uma delas fez o seguinte comentário “amizade não, coleguismo apenas”.

Percebemos entre as professoras amizades efêmeras, consequência de um mundo também superficial retratado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001) em sua obra *Modernidade Líquida*. Faremos uso deste autor para elucidar a questão das amizades que presenciamos em nosso cotidiano. Segundo Bauman (2001), “vivemos tempos líquidos” nada é feito para durar “os relacionamentos escorrem por nossas mãos como líquidos”. Assim, este autor compara nossas amizades como se fossem o mundo virtual, que podemos conectar e desconectar, nada é mais a longo prazo, estamos prontos e dispostos para o início e para o fim num instante, fruto de uma sociedade imediatista, sem vínculos, laços e raízes.

6.5 AS AMIZADES E OS GÊNEROS

De maneira geral, nossas deusas tentam não estabelecer distinções entre os gêneros quando questionadas de suas amizades. **Afrodite, Climene e Deméter** falaram não ter distinção entre os gêneros e têm amigos homens e amigas mulheres. **Atena** foi a única que disse preferir as amizades masculinas e **Harmonia** diz não ter amigos e que suas amizades são os integrantes de sua família.

Entre as professoras mais novas este recorte ficou curioso, pois três delas e, por coincidência, as três solteiras do grupo – **Hera, Nêmesis e Psiquê** – falaram que têm mais amigas mulheres, mas que não têm distinção e que a profissão e o dia a dia corrido faz com que suas amizades sejam suas colegas de trabalho, a maioria, mulheres. As duas casadas deste grupo das mais novas, **Iris e Maia** falam que suas amizades são casais casados que costumam partilhar seus momentos de lazer com outros casais amigos e seus parceiros. **Maia** faz um comentário muito interessante sobre sua rotina de solteira e após o casamento:

No momento, eu já tive várias fases da minha vida. Enquanto tu é solteira tu tem amizades com homens e com mulheres assim no mesmo nível, sempre tive amigos homens, no colégio meu melhor amigo era homem, mas até eu casar. Depois que a gente casa as amizades são casais, pelo menos na minha situação, são casais amigos. Saímos os casais ou só as mulheres de um lado e os homens de outro. É difícil ter essa relação tão aberta como deveria, são questões sociais ou de....não sei do que....no momento minhas amizades são parentes ou esses casais do nosso meio aqui no bairro. Homens é difícil...no nosso trabalho sempre tem mais mulher, né? Até dar carona para um colega homem de trabalho pode virar um conflito no relacionamento.

Percebemos, independente das faixas etárias das entrevistadas, que as relações de amizades com o gênero oposto, ainda é complicada e gera alguns conflitos, tanto nos

relacionamentos quanto em uma simples amizade entre homens e mulheres ainda é muito forte os resquícios do patriarcado entre as relações (SAFFIOTI, 2004).

6.6 O ATENDIMENTO ÀS FAMÍLIAS: PAIS OU MÃES?

Sobre o atendimento às famílias os estereótipos de gênero ficaram claros nos depoimentos. O estereótipo do homem agressivo, bravo e impaciente que os filhos e filhas temem, em determinados momentos, ficou evidente nas falas. As mães trazem a doçura no lidar, são mais compreensivas e afetuosas e são as mais presentes e preocupadas com a vida escolar do filho. Ainda esta situação é a mais comum nas escolas, as mães é que acompanham e lidam com a escolarização e os problemas de seus filhos. Segundo o Livro de Conteúdo: Gênero e Diversidade na Escola (2009):

Educadores e educadoras têm a possibilidade de reforçar preconceitos e estereótipos de gênero, caso tenham uma atuação pouco reflexiva sobre as classificações morais existentes em atributos masculinos e femininos e se não estiverem atentos aos estereótipos e as preconceitos de gêneros presentes no ambiente escolar. (2009, p.51)

Quando questionamos as preferências entre pais e mães no atendimento, as professoras mais experientes responderam que é uma questão indiferente e que, a maioria das vezes, é a mãe que vem mesmo à escola, mas que elas não têm preferência. Apenas **Climene**, em sua resposta ressaltou que prefere falar com as mães, sua fala: *“Prefiro lidar com a mãe, ela sabe realmente em relação ao filho, o pai é enérgico, em casa é por ela que o filho espera mesmo o pai estando em casa é ela a referência.”* **Climene** tem 28 anos de experiência de sala de aula e sua vivência demonstrou que essa é a melhor maneira de lidar com as famílias. Esta professora não está errada em sua fala, pois muitos pais não se interessam pela vida escolar dos filhos, não é regra, mas assim como as tarefas domésticas, o atendimento aos filhos também é coisa das mulheres em muitas famílias (ainda é assim que as tarefas são “divididas” em inúmeros lares) e as crianças têm a mãe como respaldo e referência no ajudar nas tarefas e contar os momentos acontecidos na escola.

Entre as cinco professoras mais novas, três ressaltaram que, dependendo da família, até têm certa preferência, mas é relativo, pois o que presenciam e vivenciam na escola é a presença das mães que são as mais interessadas com esse aspecto, foram elas **Hera, Iris e Maia**. Já **Nemesis e Psique** comentaram que dirigem seus bilhetes para as famílias e não têm nenhuma preferência. Disseram que a preferência é que venha algum responsável, sem distinção de gênero ou *status* familiar, podendo ser tios, primos.

Recortamos a fala de **Maia**, que tem como foco o bem estar do aluno:

Depende da situação...eu não tenho problema se é o homem ou a mulher, o que me incomoda é quando não sabem ouvir, não sabem entender, não procuram escutar, simplesmente chega querendo gritar e mandar na situação. Não tenho problema se é pai ou mãe, a minha preocupação maior é se esse pai ou essa mãe vai lidar com a situação de aprendizado ou indisciplina, às vezes é um problema de saúde que o pai não quer perceber, tantas coisas que acontecem, minha preocupação é saber conversar ou não e nem tanto de ser homem ou mulher. (fonte) (Maia, entrevistada em 08/10/2016)

6.7 PROFESSORA FEMINISTA?

Esta categoria é uma das mais instigantes da pesquisa, perguntamos assertivamente após a preferência pelos pais ou mães no atendimento às crianças se “elas se consideravam uma professora feminista”. Confessamos que, como pesquisadoras esta questão era a mais aguardada, pois como o tema de investigação é a *sororidade*, a qual tem origem no movimento feminista, talvez estas pistas trouxessem as impressões ou traços de *sororidade* presentes nestas mulheres. Reforçamos que este tema era complexo de análise, pois a questão era: “você se considera uma professora feminista?”, muitas entrevistadas entenderam e consideraram sua resposta relacionada a sua prática, pois de fato não era uma pergunta pessoal, mas um questionamento que desconcertou muitas de nossas entrevistadas.

As respostas ficaram confusas, pois em seguida elas tinham que conceituar o feminismo o que faziam com certeza da fala que seria “igualdade entre homens e mulheres”, mas a confusão ficou com o termo feminismo que na compreensão de algumas ficou como sobreposição do gênero feminino e/ou contrário de machismo. Novamente vamos analisar as mais experientes e as mais novas, para realizar um recorte, observando se existem possíveis diferenças nas falas entre as gerações destas professoras.

Afrodite, Atena e Demeter foram taxativas. Quando questionadas sobre ser “professora feminista”. **Climene** respondeu com um sorriso, voz suave e jeito acanhado “se eu falar que não, estou mentindo...”. Já **Harmonia** foi direta ao se afirmar feminista.

Entre as mais novas, **Iris e Nemesis** responderam que não são feministas, mas que têm muitas dúvidas em relação à palavra e ao ser. **Nemesis** associou feminismo com militância, como parte integrante de um movimento e não como um modo de perceber e olhar os relacionamentos e a vivência entre homens e mulheres. **Hera, Maia e Psique** responderam sonoros “SIM” e ambas complementaram suas respostas, com sua prática em sala de aula, ressaltando a importância dada à igualdade de gênero em sala de aula e sua relação com meninos e meninas de maneira igualitária.

Hera ao ser questionada se era feminista, reportou-se à sua prática como professora:

Sim, eu me considero uma professora feminista, eu tento fazer ao máximo com que meus alunos se sintam à vontade na sala de aula e que eles respeitem realmente todos os colegas de maneira igual em várias relações. Em relação à fila, com quem vai sentar esse tipo de coisa, tento fazer com que eles se deem bem entre todos, tenham uma igualdade, não exista essa de lápis de cor rosa da menina e azul do menino, eu acho que isso faz tempo que não existe mais e nem devia existir, mas infelizmente é presente na sala de aula. Várias atitudes ou jeitos que são considerados de menina e menino e eu tento mostrar que isso não existe e que isso não é uma coisa legal de se fazer. (Hera, entrevistada em 04/10/2016)

A fala de **Hera** nos tocou como pesquisadora, pois a pergunta foi justamente essa: “você se considera uma **PROFESSORA FEMINISTA?**” Isto é, pretendíamos mais que abordar conceitos, mas que suas práticas fossem reveladas, pois o feminismo não quer superioridade para as mulheres, e sim igualdade entre os gêneros, sem distinção, sem estereótipos ou marcas que a sociedade estipula para homens e mulheres, ou coisas próprias para homens ou mulheres.

6.8 CONCEITO DE FEMINISMO PARA AS PROFESSORAS

Este questionamento foi o mais delicado do roteiro, sem dúvida, pois muitas que conceituaram o feminismo como relações de igualdade entre homens e mulheres, se disseram “não feminista”. Este ponto gerou muitas confusões, o que reflete um desconhecimento e receio de se posicionar de maneira – porque não dizer – política, frente a um assunto tão importante à cidadania.

Fox-Genovese (1992) no artigo “Para Além da Irmandade” nos traz vários questionamentos e reflexões sobre o feminismo e essa questão política sobre a importância ou não, de posicionamento. A autora assim escreve:

O feminismo assumiu a liderança na desmistificação das relações pessoais, exigindo enfaticamente que a experiência pessoal das mulheres fosse reconhecida como política em sua essência. Muitas feministas deixaram de definir sua experiência pessoal como política para designar as normas e práticas políticas como pessoais – a própria encarnação de perspectivas e valores masculinos – constituindo, dessa maneira, modelos inadequados tanto para as posições políticas feministas quanto para uma ordem social desejável. (1992, p.31)

Afrodite, após a negativa, quando questionada se era feminista, confundiu feminismo como orientação sexual, dando a seguinte resposta:

Não tenho conceito...é ser muito radical né? Minha família não aceita muito isso...tenho uma sobrinha que vive com outra, demorou muito

pra gente aceitar, meus pais são bem difíceis. Eles não aceitam mesmo. Eu que falo com ela, não tenho problemas com isso, acho legal, ela é minha sobrinha. (Afrodite, entrevistada em 30/09/2016)

Novamente, encontramos confusões entre os conceitos na fala da entrevistada. O peso e a confusão que a mídia, ou até mesmo algumas religiões colocam em termos como *feminismo*, a fazem confundir com orientação sexual (outro temor ou atitude não aceita). O discurso social e sua força são tão marcantes que tudo vira um temor ou um equívoco na cabeça dos indivíduos, de forma que, quando nos deparamos com um parente homossexual (que amamos e/ou respeitamos) acatamos a sua orientação (o que equivocadamente chamou de preferência). Na tentativa de justificar, a fala fica uma mistura de conceitos equivocados, talvez pela falta de esclarecimento destas educadoras.

É isso que me vem na cabeça, na memória, queima de sutiã, coisa radical. Os dois gêneros deveriam ser juntos, preferência não tem a ver, a gente se relaciona com quem quiser, meu marido era muito machista, mas eu já aceito o gay...a lésbica... (Afrodite, entrevistada em 30/09/2016)

Atena associou o conceito de feminismo com o direito ao trabalho, como se isso oferecesse algum *status* ou condições diferenciadas à mulher que está no mercado de trabalho e teve a seguinte fala:

É tu achar que tu é mulher, tu trabalhar fora...eu não...eu trabalho porque eu gosto, eu quando escolhi ser professora é porque eu gosto, eu gosto de trabalhar, eu não me sinto, não consigo ver essa diferenciação, por eu ser educada só com homens eu não me sinto né esse feminismo? Tanto pelo jeito de ser esse feminismo...quanto eu não consigo enxergar isso. Lá em casa é assim todo mundo tem que batalhar, todo mundo tem que trabalhar é essa coisa de divisão...eu não vejo isso. (Atena, entrevistada em 30/09/2016)

Climene, após a afirmativa da sua posição como feminista, disse que traz isso de família, os discursos de casa: mãe e avó fizeram com que ela tivesse bem claro o conceito:

Nesse lado a gente ser muito, nós podemos, conseguindo, o nosso eu de liberdade pelas conquistas, querer igualar, tem hora que tenho muito...isso sabe? Vem muito nosso, a nossa família, época da minha vó, ela foi muito diferente do tempo dela, criou os filhos sozinha e foi passando, vem disso... (Climene, entrevistada em 03/10/2016)

Demeter, após o questionamento de se considerar uma professora feminista, respondeu com a seguinte frase: “e nem machista...” percebeu-se uma associação muito comum no conceito. Muitas mulheres confundem o feminismo como o inverso do machismo, como algo negativo e não contextualizado. Sua resposta, talvez, tenha sido uma confusão de conceitos, de papéis pré-definidos na sociedade:

O feminismo, ao meu ver, é a mulher querer se auto afirmar. Ai porque eu sou mulher eu tenho meus direitos, não faz sentido. Você é mulher tem algumas coisas a seguir, o homem tem algumas coisas a seguir, a gente faz trocas, eu e meu marido se ele precisar lavar uma louça ou roupa ele vai fazer sem problema, se eu precisar fazer alguma coisa que ele faz eu vou fazer, sem problemas também. Então a gente não tem muito essa coisa de mulher, porque agora eu sou feminista eu vou ter que fazer a mesma coisa que homem faz, não! Eu acho que não é assim, eu acho que a gente perdeu muito com isso. A mulher acabou perdendo porque adquiriu mais funções porque têm coisas que apesar do homem fazer, eles não sabem fazer e sobra para a gente.(grifo da autora)

Harmonia remeteu sua resposta à sua prática e disse que sempre que pode reproduz esse discurso em sala de aula. Na sua resposta abordou a questão da invisibilidade da mulher na história e da necessidade de dar voz a todas:

Eu tenho um filho que é meu aluno, e eu estava falando uma fala e ele me disse: “porque você está fazendo essa fala feminista?”. Nesse momento eu

me caracterizei e pensei, mas nesse momento eu sou obrigada a fazer essa fala feminista, o que eu considero uma fala feminista? Não é contra os homens e sim uma fala em que busca um espaço mais igual para a mulher, porque é contra toda essa história, essa herança de que a mulher tinha menos valor, menos direito, menos voz. Esse empoderamento da mulher, mostra para ela que ela tem direito a voz que ela tem que falar, deve usar. Têm direitos e deve reivindicá-los e a mulher sim viveu essa história construída e que só aparece homens, as mulheres estavam sim, elas só não estão nos livros porque não deram visibilidade para elas, então a gente busca igualar os direitos e mostrar as personagens da nossa história que naquela época foram invisibilizadas.(grifo da autora)

Percebemos nesta educadora a fala sobre a invisibilidade das mulheres na história, este fato é pouco abordado ou percebido pela maioria das educadoras. Reforçamos aqui, através desta fala a necessidade de abordar nestes temas e notar que só o masculino possui visibilidade na história. Como isso ainda acontece, se a maioria dos profissionais da educação são mulheres? A *sororidade* caminha para a percepção e valorização do papel feminino, seja ele em qual campo for, deve ser valorizado e considerado como relevante dentro do seu contexto. Em todos os momentos da história, tivemos mulheres atuantes e com êxito, mas realmente foram invisibilizadas pelos escritores e reprodutores de um discurso sexista, que existe até os dias de hoje.

Hera, a jovem professora entrevistada, diz ter conhecimentos do conceito de feminismo do que lê nas redes sociais, entendeu o questionamento “professora feminista” e remeteu sua resposta e fala à sua prática, como abordado e citado no capítulo anterior deste texto. Sobre o conceito sua resposta foi clara e elucidativa:

Feminismo para mim é a igualdade entre os gêneros e que não exista um gênero que domine o outro, por exemplo, como a gente vê na nossa sociedade que ainda hoje permanece essa dominação do homem sobre a mulher em vários aspectos. (Hera, entrevistada em 04/10/2016)

Iris, curiosa professora, foi a mais resabiada nas respostas, como se a entrevista fosse um teste de seus conhecimentos. Suas respostas pareciam outras perguntas e seu olhar

demonstrava muita insegurança no que falar, finalizava suas respostas com “está certo?”. Sua resposta foi insegura, mas certa, mesmo negando ser uma professora feminista:

Não...acho que não...nunca parei para pensar...mas não acho que questão de direitos de mulheres e homens eu vejo os dois num mesmo patamar, não tem essa questão de...as meninas são as melhores.

O que é o feminismo pra mim...feminismo na cabeça eu penso nessa questão de mulher lutar mais pelos direitos dela. Aquela questão da mulher está mais dentro da sociedade como antes não tinha. Eu acho que, assim como tudo: gênero, raça, eu acho que tem pessoas que tem um exagero, vem nessa linha...(grifo da autora)

Exagero é quando a pessoa impõe, tudo vem dentro de um respeito, o respeito. Os meus direitos vem até onde começa os teus direitos, então eu acho que eu tenho minha opinião e tenho que respeitar a tua opinião. Exagero é isso, quando eu quero que a minha opinião fique acima da sua. Uma forma de imposição, as pessoas acabam se prevalecendo de algumas situações que estão acontecendo ai, principalmente racial muito assim, questões de gêneros também. Vamos supor, numa praça, um casal de dois homens e um homem e uma mulher, um guarda teria mais coragem de chamar atenção do casal hetero do que do casal gay. Porque? Tem essa questão da lei, tudo é preconceito, não questão de ser preconceito, pra nenhum dos dois estar se agarrando seria bom né? Querendo impor algo e não estão sabendo respeitar a opinião, eu tenho meus deveres e meus direitos... (Iris, entrevistada em 06/10/2016)

Maia remeteu sua resposta a um sentimento de *sororidade* puro e necessário, ressaltando que a maioria dos envolvidos com educação são mulheres, por isso a necessidade de sermos solidárias e preocupadas umas com as outras:

Então, pelo pouco que entendo de feminismo que é questão de defender direitos iguais. Porque a gente sabe que as mulheres recebem menos, tem menos oportunidades em vários lugares ainda pelo fato de ser mulher, eu defendo...Acredito que somos melhores que os homens...heheheh em quase tudo..não sei porque a sociedade é tão machista em relação a tudo isso, né? Eu me considero sim, eu acredito que todo mundo tem que ter o seu espaço,

todo mundo pode melhorar, as mulheres podem alcançar tudo, ter tudo que quiserem, todos os cargos, todas as funções. Dentro da escola eu procuro mostrar isso para as crianças, para os alunos, ate porque a educação ela é 90% de mulheres, então temos todas que ser feministas!(grifo da autora)

Nas redes sociais, tem bastante propaganda sobre, está meio em alta falar sobre isso ultimamente, né? Direito das mulheres, violência das mulheres, dai eu acabei lendo, postagens, na internet mesmo....não sei se esse conceito que falei está correto, mas foi ai que eu soube mesmo, pelas redes sociais. (Maia, entrevistada em 08/10/2016)

Nemêsis associou o feminismo com a militância e, prontamente, respondeu *não* ao ser questionada sobre ser feminista. Por este motivo, sua resposta ficou não objetiva, mas percebemos a vontade de melhorar sua prática nestas relações:

Na verdade, eu penso que pra eu me considerar feminista eu teria que trabalhar mais as questões do feminismo, ressaltar em sala de aula e isso eu não faço, sabe? Eu incentivo a questão deles brincarem juntos, se eu deixar pra eles escolherem duplas de trabalhos ou grupos eles vão essa segregação, eu escolho e mesclo, essas questões de gênero e diversidade eu converso sempre com eles, mas não sou ativista, por isso eu não me considero, mas sutilmente eu trabalho isso em sala de aula. (Nemêsis, entrevistada em 10/10/2016)(grifo da autora)

Psiquê, não quis se posicionar, apenas comentou o questionamento, mas suas ideias têm fortes traços de *sororidade* e preocupação com sua prática como professora, como:

Eu não sei o que é feminismo assim....eu me considero de igualdade..de emancipação feminina, na nossa profissão é muito importante a gente ter essa visão que culturalmente a professora era a mãe, a tia, então até hoje as crianças chamam de tia, não, é professora, é uma profissão, pode olhar ao redor, somos em grande maioria mulheres...acho que a gente tem que ter essa ideia de emancipação feminina por conta disso também. Foi colocado na gente o julgo de cuidar, a professora é dócil, é maternal, vai cuidar

melhor e a gente tem que quebrar isso. (Psiquê, entrevistada em 10/10/2016)(grifo da autora)

Neste trecho **Psiquê** rompe com a ideia de que a escola é uma continuidade do lar e que a professora é uma “segunda mãe”, sua fala é consciente do seu papel como educadora, ligando o papel da mulher como profissional da educação e não como “aquela que cuida da criança enquanto o pai e a mãe trabalham”. Esta professora tem consciência do seu papel na sociedade e de que não é uma cuidadora, mas sim uma educadora, que busca aprimoramento de sua prática para que esta retorne em benefícios para seus educandos.

Eu não sei que esse “ismo” às vezes parece muito...como se as mulheres tivessem que ter mais direitos, ou um protagonismo muito maior em relação aos homens e eu acho que deve ser igual e não maior. (Psiquê, entrevistada em 10/10/2016)(grifo da autora)

Neste trecho **Psiquê** remete a confusão que muitas das entrevistadas tiveram e que muitos indivíduos possuem com a nomenclatura feminismo. A confusão está no sufixo “ismo”, o que remete ao contrário de machismo, ou a uma patologia. Trata-se de um equívoco muito comum e que ocorreu com diversas de nossas entrevistadas. Reforçamos a falta de esclarecimento e leitura sobre esses temas, como também percebemos um desinteresse na busca desses conceitos, um temor talvez.

6.9 “EM BRIGA DE MARIDO E MULHER...”

Podemos definir os comentários dados como resposta a este dito popular como uma questão habitualmente utilizada para evitar que as pessoas se intrometam nos relacionamentos, poucos ou poucas percebem que essa intromissão é necessária em casos extremos. Entre nossas entrevistadas, as “Deusas do Velho Mundo” todas concordaram com não se envolver na “briga”, apenas **Harmonia** diferenciou sua resposta, apontando traços marcantes de preocupação com a outra e sororidade, dando ênfase ao possível desrespeito:

Qualquer briga a sociedade tem que meter a colher sim, porque nós não podemos concordar com brigas, uma coisa é discussão, outra é desrespeito, tudo que entra em calúnia, difamação, tudo que o código coloca como sendo crime é a sociedade que tem que intervir. Não importa se você é irmã, colega, vizinha, não importa, tu tem que interferir. Essa frase é uma validação ao desrespeito. (Harmonia, entrevistada em 10/10/2016)

As respostas das “Deusas do Novo Mundo” foram elaboradas nas duas interpretações do dito popular, elas revelaram preocupação com o estado, principalmente da figura feminina, ao falarmos em briga, revelando os dois sentidos.

Hera assim respondeu:

Na verdade essa expressão pode ter dois sentidos: primeiro é o de não invadir a privacidade da pessoa, tudo bem, mas tem outro olhar, como é o caso de agressão, que é bem comum, em casos de agressão não se meter é um absurdo total, mas acho que tem esses dois lados. Com certeza é obrigação do estado se meter em qualquer briga que leve a uma agressão. (Hera, entrevistada em 04/10/2016)

Iris fez o seguinte comentário:

Bom, depende a briga do marido e da mulher, de um modo geral o casal, não só o casal a gente não deve se meter muito no que esta passando na vida do outro, a gente consegue se resolver. Estar de fora e dar uma opinião é muito mais fácil do que estar dentro e resolver o problema. Eu consigo resolver o problema do outro, fácil, fácil..mas se for eu que estou passando eu não consigo resolver, entra nessa questão, a gente não deve se envolver muito, mas acho que vai não se envolver quando não estiver prejudicando as partes, né? Mulheres...Mulheres são espancadas...é um absurdo, mas ainda tem. Eu acho que se tu perceber alguém nessa situação de espancamento, ai essa expressão cairia, eu acho que vai de ti como cidadão fazer algo por uma mulher ou por uma criança. Briga de marido e mulher não se mete a colher até um certo ponto. (Iris, entrevistada em 10/10/2016)

Maia entende o comentário da seguinte forma:

Concordo, até certo ponto, o casal tem sua individualidade de se resolver né? Eles tem que fazer isso sozinhos e mais ninguém. Quem se mete, sogra, cunhado, acaba sobrando mesmo, mas se eu ver alguém apanhando eu boto a boca no mundo, sabe? Isso eu não tolero. Acho que briga, isso de discutir, cada um na sua, mas violência, eu protejo! (Maia, entrevistada em 08/10/2016)

Nêmesis, respondeu assim:

Eu acho que se tem agressão física, verbal, muito forte a gente se mete sim, não no sentido de se meter entre os dois assim. Se tem um conhecido, uma conhecida relatando isso, tu tem que dar uma força, não deixa isso acontecer, eu te ajudo, vamos denunciar, para com isso, vamos dar um basta, nesse sentido tu se mete sim! Não é dentro da casa. (Nêmesis, entrevistada em 10/10/2016)

Psiquê, fez o seguinte comentário:

Eu acho que tem dois sentidos. A gente pode refletir no sentido de como eles se relacionam no sentido mais privado assim, organização familiar e outra coisa é briga e violência e a gente deve se meter sim. O que diz respeito mais íntimo ao casal em como ele se relaciona, aspectos menos densos, quando chega em violência a gente se mete sim. (Psiquê, entrevistada em 10/10/2016)

Notamos nestas professoras mais jovens, uma coragem, possivelmente de posicionamento sobre o que a sociedade já estipulou como soberano, no que diz respeito à imposição e dominação masculina. As mais jovens revelaram instintos de proteção, fruto desta geração que tem mais acesso à legislação e reivindicação de seus direitos e da outra. Este processo deve-se aos frequentes comentários na mídia sobre esses assuntos e sobre as violências ocorridas com mulheres. Graças à Lei

Maria da Penha, ⁷ amplamente divulgada e discutida, hoje percebemos um discurso de proteção e um olhar cuidadoso sobre as possíveis violências que possam estar acontecendo com aquela, mesmo desconhecida. Isso registra um traço marcante do termo que investigamos nesta pesquisa: a *sororidade*.

6.10 “ROUPA SUJA SE LAVA EM CASA?”

Esta expressão também é rotineiramente falada, mas o que socialmente se definiu como traço feminino da discrição e da elegância comum às mulheres que deveriam “lavar sua roupa suja em casa” e não na frente de parentes e na rua.

As “Deusas do Antigo Mundo” foram unânimes quando a fala foi não expor a vida pessoal em lugares públicos, todas remeteram aos seus relacionamentos afetivos. Apenas **Harmonia** teve outra interpretação do dito, remetendo a outras situações de relações humanas e não apenas a afetiva, refletida da seguinte maneira em sua fala:

Não existe um lugar para lavar roupa, minha discussão é contigo, meu problema é contigo é claro que tem que ser eu contigo para resolver. Se eu e tu vivemos na mesma casa e se ambiente melhor para discutir é em casa, excelente, agora se essa roupa é alguma discórdia, desavença, se envolve um coletivo é resolvida no coletivo. Se aquela pessoa estiver sendo agredida na hora de colocar em limpo as questões aí se eu estou perto eu tenho que intervir, sem dúvida. (Harmonia, entrevistada em 10/10/2016)

Entre as “Deusas do Novo Mundo” tivemos respostas instigantes e com várias interpretações. **Hera** reafirmou a violência como algo a ser combatido, fazendo o seguinte comentário:

⁷ A Lei Maria da Penha, denominação popular da lei número 11.340, de 7 de agosto de 2006, é um dispositivo legal brasileiro que visa aumentar o rigor das punições sobre crimes domésticos. É normalmente aplicada aos homens que agredem fisicamente ou psicologicamente a uma mulher ou à esposa. https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_Maria_da_Penha

Essa outra dá a entender é que qualquer problema entre ao casal, como se ninguém devesse se meter no assunto. Na minha opinião, qualquer agressão, como a mulher ainda sofre muito e é reprimida, muitas vezes tem vergonha da situação que passa e acaba não falando. Eu acredito que olhando por esse lado, as duas expressão nesse encontro, como se fosse a opressão em cima das mulheres. (Hera, entrevistada em 04/10/2016)

Iris respondeu, interpretando como a maioria, dando ênfase à vida privada:

Não trazer os teus problemas para fora do teu âmbito familiar, né? Se eu to passando minhas dificuldades com meu marido e meus filhos eu não preciso ficar relatando para os outros, eu entendo assim. É fácil resolver os dois outros é muito fácil se meter. O problema do outro é tão fácil de resolver, todo mundo tem uma opinião. (Iris, entrevistada em 10/10/2016)

Maia também ressaltou a expressão como um fato íntimo e privado, reforçando a ideia de que as aparências devem ser mantidas dentro de casa, mesmo que tudo esteja ruim e não ande bem, para a sociedade deve parecer bem.

Acho muito feio mesmo, ridículo, as pessoas tem que resolver seus problemas em casa, não na rua. Cada um na sua, sabe? Que se resolvam... (Maia, entrevistada em 08/10/2016)

Nemêsis trouxe o dito popular para a sua rotina em sala de aula e deu o seguinte depoimento:

Eu acho que dependendo da situação, a gente vê isso muito aqui na escola que muita coisa não pode ser lavada em casa, envolve conselho tutelar, direção, orientação, a gente, tem coisas que não só em casa, a roupa vem suja. (Nemêsis, entrevistada em 10/10/2016)

Psiquê também fez um paralelo do dito com os problemas da escola, contextualizando-o:

Depende...depende do contexto...da roupa suja...algumas questões devem ser resolvidas no coletivo...aqui na escola por exemplo principalmente, alguns problemas particulares se imbicam na nossa pratica e é juntos que vamos conseguir resolver...Às vezes um problema familiar...acho que dá pra mediar, tentar resolver juntos, acho que depende do contexto, tem coisa que depende das pessoas mesmo, do privado e isso é delas. As coisas da escola as soluções devem ser juntos. (Psiquê, entrevistada em 10/10/2016)

As falas das professoras nesta parte do roteiro fez lembrar a época das *histéricas*⁸ do século XIX. A histeria era uma doença considerada feminina que tinha como sintomas: ansiedade, insônia, irritabilidade, entre outros. Acreditava-se que a doença era consequência de perturbações no útero (hísteris) e era necessário tratamento terapêutico com massagem genital nos consultórios. Naquela época acreditava-se que estes sintomas emocionais eram consequências do útero e este fato foi incorporado a cultura popular, o que atribui e justifica à mulher comportamentos agressivos e irritados ao ciclo menstrual, o que hoje soa como piada e a própria mulher faz uso para suas justificativas ou desculpas.

⁸ <http://diariodebiologia.com/2015/08/no-seculo-xix-uma-doenca-conhecida-como-histeria-feminina-era-tratada-com-massagem-genital-feita-pelo-medico/>

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram meses de intensas reflexões e recompensas para a pesquisadora. Por mais hipóteses que tenhamos, quando ousamos pesquisar, sempre somos surpreendidas pela ação ou pelo percurso da pesquisa. Conhecemos neste tempo dez mulheres e, no decorrer de suas falas, nos mostraram sentimentos diversos e complexos, para ousar algum julgamento. A profissão de professora é instigante, por um lado: pressões, os prazos e a burocracia; de outro, a surpresa que somente o envolvimento com o outro pode nos trazer. O sentimento de gratidão ao humano, ao vital e aquilo que não nos faz desistir, embora não sejamos as profissionais mais valorizadas ou bem remuneradas.

Com todo o desafio que nos propomos, de abordar assuntos que não são debatidos em formações continuadas, nossas deusas se mostraram solidárias e atentas aos assuntos abordados nas mídias sociais. O fato de todas possuírem celulares e computadores e destas ferramentas fazer uso diário, significa de fato uma mudança paradigmática no modo de perceber os avanços. Todas procuram saber e conhecer o que lhes foi questionado, característica primordial de toda educadora. São profissionais atentas e extremamente preocupadas com o principal motivo de estar na escola e carregar o título honroso de professora: seus alunos e alunas!

Tratar da categoria gênero e da diversidade, ambos sendo abordados como riqueza humana, e também abordar misoginia e homofobia é uma ousadia e, ao mesmo tempo, uma necessidade. Estas questões são comuns a todas e necessitam de abordagens conjuntas, sendo trabalhadas de maneira transversal no currículo, pois educadores sexuais somos todos, queiramos ou não, sabendo ou não, a dimensão humana sexualidade é inerente ao ser humano, por este motivo não necessitamos de um momento especial para que ela ocorra. Não precisamos abordar a sexualidade, ela sempre está presente em todos os âmbitos da sociedade, segundo Melo (2004).

Como professoras e educadoras não pretendemos apresentar uma verdade, mas uma reflexão aos alunos e alunas que possibilitem a todas subsídios para que tenham suas próprias opiniões de forma plena e consciente. Possibilitemos mudanças e transformações para o

devido acesso à cidadania, ética e direitos humanos, onde as diferenças são respeitadas e não utilizadas como mais um critério de exclusão.

Esta caminhada com estas deusas, nos fez concluir e refletir que estamos num caminho inovador. Aliadas ou não às mídias sociais, a profissão de professora tem o intento de eliminar as violências de qualquer instância, seja física ou simbólica, dentro ou fora dos muros escolares. O trabalho com as diferenças se faz necessário para uma sociedade mais realizada e plena, caminhando sempre para o bem de todas as envolvidas.

7 REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda N. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

AUAD, Daniela. **Educar Meninas e Meninos**. Relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Feminismo que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 3ª Ed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Volume único. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BURSZTYN, Marcel (Org). **Como escrever (e publicar) um trabalho científico. Dicas para pesquisadores e jovens cientistas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

CORREIA, Franklin. **O impacto das redes sociais na profissão docente**. Cadernos da Educação. V 12. N 24, jan-jun. 2013.

COSTA, S. G. **Onda, rizoma e “sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX)** Revista Interdisciplinar INTERthesis, Florianópolis, v.6, n.2, p. 01-29, jul/dez 2009.

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

FOX-GENOVESE, Elizabeth. **Para além da irmandade**. Revista Estudos Feministas n.0, 1992. Pg. 31-56.

GARCIA, Carla C. **Breve História do Feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.

Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília : SPM, 2009.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 8ª ed., Rio de Janeiro, Record, 2004.

LARGARDE DE LOS RIOS, Marcela. **El Feminismo em mi vida: hitos, claves, y tópias.** 2012. Livro Eletrônico. Disponível em <http://www.cotidianomujer.org.uy/sitio/pdf/ElFeminismoenmiVida.pdf>

LIMA, Stefs. Precisamos falar sobre sororidade na TV (e na vida). <http://www.revistapixel.com.br/precisamos-falar-sobre-sororidade-na-tv-e-na-vida/> acesso em 23 de setembro de 2016.

LINS, Beatriz A. **Diferentes não desiguais: a questão de gênero na escola.** São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 2014.

MACHADO, Lia Z. **Gênero um novo paradigma?** Cadernos Pagu, n 11, p 107-125, 1998.

MARTINS, Paulo H. & NUNES, Brasilmar F. (Orgs) **A nova ordem social: perspectivas da solidariedade contemporânea.** Brasília: Paralelo 15, 2004.

MELO, Sônia M. **Corpos no Espelho: a percepção da corporeidade em professoras.** Campinas: Mercado de Letras, 2004

MINAYO, Maria C. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2016.

PEDRO, Joana M. **Os feminismos e os muros de 1968, no ConeSul.** Serie História do Nordeste (UFPE). V.26, p. 59-82, 2009.

PRENSKY, Marc. **Digital Game-Based Learning**. Paragon House, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e Violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Vera. **Trajetórias profissionais e formação docente: caminhos que se fazem na caminhada**. In: REIS, M.; RABELO, A & PEREIRA (Orgs.). Formação docente em gênero e sexualidade: entrelaçando teorias, políticas e práticas. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013. p.163-178.

SCOTT, Joan. **Gênero: um conceito útil de análise histórica**. Revista Educação e Sociedade. Porto Alegre: UFRGS, 1988.

She's Beautiful When She's Angry. Direção: Mary Dore, Produção: Nancy Kennedy. Salt Lake City, 2014.

SILVA, Edna Aparecida. **Filosofia, educação e educação sexual: matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de Freud, Reich e Foucault para a abordagem educacional da sexualidade humana**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP: UNICAMP, 2001.

SOUZA, Babi. **Vamos Juntas? O guia da sororidade para todas**. Rio do Janeiro: Galera Record, 2016.

ANEXO I - ROTEIRO

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE SER PROFESSORA:

Idade:

Estado Civil:

Tem filhos:

Escolaridade:

Religião:

Especialidade:

Tempo que trabalha na educação:

Rede privada ou pública:

Ano (idade das crianças) que atua no momento:

Já teve alguma formação ligada a gênero, sexualidade e/ou diversidade:

Fale um pouco sobre essa sua formação? Como foi? Qual tema?

Nas redes:

Faz uso de rede social: Qual?

Quanto tempo por dia utiliza a rede social?

O que costuma fazer nas redes sociais? Quais seus interesses?

Algum interesse pessoal no face?

Usa pelo computador ou telefone móvel?

A quanto tempo faz uso das redes sociais?

Acha útil para seu trabalho de professora?

Caso positivo, qual a relevância? Como utiliza?

Em sala de aula:

Como é sua rotina (relate um dia de aula normal) com seus alunos e alunas?

Como é o cotidiano na escola de meninos e meninas? No comportamento, aprendizagem, algo relevante e aparente?

Na sala das professoras:

Você costuma compartilhar trabalhos, tarefas, experiências e/ou relatos com as colegas professoras?

Tem amizades com as professoras dentro e fora do ambiente de trabalho?

De maneira geral ou fora da escola tem mais amizades com homens ou mulheres?

Como você percebe estas amizades (homens e mulheres)?

No atendimento às famílias, qual sua percepção entre os gêneros ao lidar com os problemas e questionamento dos alun@s (pais e mães)?

Com quem prefere lidar para a resolução dos problemas dos alunos? Pais ou mães? Por qual motivo?

Você se considera uma professora feminista?

O que seria o feminismo para você?

(se positivo) como soube do conceito feminismo? Como soube? Tem leituras sobre?

Comente estas duas expressões populares:

“em briga de marido e mulher não se mete a colher”

“a roupa suja deve ser lavada em casa”

Anexo – II TERMO E CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome: _____,
idade: _____ anos, foi esclarecido sobre o trabalho intitulado: “**FEMINISMO ALÉM DAS MÍDIAS SOCIAIS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE SORORIDADE ENTRE PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**”, da autoria de **Fernanda Beatriz Ferreira de Macedo** sob a orientação do professor **Dr. Leandro Castro Oltramari**.

Esta pesquisa tem por objetivo: Investigar a percepção que as professoras dos anos iniciais do ensino fundamental atuantes em sala de aula, têm sobre *sororidade*.

Estou ciente que para participar deste estudo terei responder uma entrevista, e não terei minha identidade revelada. Fui esclarecida também que poderei, a qualquer momento em que eu desejar, desistir de minha participação sem sofrer nenhum tipo de consequência por esta decisão. Também fui informada que se precisar de maiores informações sobre esta pesquisa poderei obtê-las entrando em contato com o orientador ou a pesquisadora. Este estudo tem caráter científico e meus dados pessoais serão mantidos em sigilo sendo garantido meu anonimato. Minhas respostas apenas serão utilizadas para os propósitos deste estudo. Estou ciente de que minha participação é totalmente voluntária e não terei direito a remuneração.

Florianópolis, ____ de _____ de 2016.

Nome da Pesquisadora: Fernanda Beatriz Ferreira de Macedo

Nome do orientador: Leandro Castro Oltramari

Telefone e e-mail para contato: telefone: (48) 9977-3296 e-mail: fefamacedo@hotmail.com

Assinatura do pesquisador: _____

Assinatura do participante da pesquisa: _____